



Pandaemonium Germanicum. Revista de
Estudos Germanísticos

E-ISSN: 1982-8837

pandaemonium@usp.br

Universidade de São Paulo
Brasil

da Silva Simões, José

Aspectos de pragmaticalização de marcadores discursivos no alemão e no português
Pandaemonium Germanicum. Revista de Estudos Germanísticos, núm. 12, 2008, pp. 100
-124

Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386641446009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Aspectos de pragmaticalização de marcadores discursivos no alemão e no português

José da Silva Simões*

Abstract: In this article, I discuss the syntactic, semantic and discursive roles of conjunctions as discourse markers in German and Portuguese (*wobei*, *weil* and *obwohl*; *porque* and *que*). I also provide some evidence for the process of grammaticalization/ pragmaticalization in which these markers are involved. This study is part of a broader contrastive-analysis project which aims to investigate the grammaticalization process of complex sentences in German and Portuguese from a cognitive-discursive perspective.

Keywords: Discourse markers; linguistic change; German; Brazilian Portuguese; Pragmaticalization

Resumo: Neste artigo, discute-se o papel discursivo, semântico e sintático dos marcadores discursivos de origem conjuncional do alemão e do português (*wobei*, *weil* e *obwohl*; *porque* e *que*) e enumeram-se algumas evidências a respeito do processo de gramaticalização/ pragmaticalização desses marcadores em ambas as línguas. O estudo faz parte de um projeto de análise contrastiva dos processos de gramaticalização das sentenças complexas do alemão e do português e toma como base uma perspectiva teórica cognitivo-discursiva.

Palavras-chave: Marcadores discursivos; mudança lingüística; alemão; português brasileiro; pragmaticalização.

0. Introdução

Com o desenvolvimento da Pragmática Lingüística, há muito tempo os *marcadores discursivos* (doravante, MD) têm sido foco de vários estudos. Entre os trabalhos que se destacam nesta área estão o livro de Deborah SCHIFFRIN (1987) e os trabalhos de FRASER (1988, 1990 e 1998). Estes estudos iniciais destacavam o caráter discursivo desses itens. Posteriormente, desenvolveram-se análises sobre o seu estatuto sintático-semântico, tentando separá-los em categorias distintas entre partículas discursivas (marcadores conversacionais e partículas modais) e advérbios de sentença.

Recentemente, com a ampliação do escopo dos estudos sobre gramaticalização, os mesmos MD têm sido alvo de novas análises. Romanistas alemães vêm discutindo bastante o estatuto dos mesmos na língua falada (KOCH/OESTERREICHER 1990) e sua evolução na diacronia das línguas românicas (WALTEREIT 2002 e 2006; DETGES 2001;

* Professor Doutor do Departamento de Letras Modernas/FFLCH/Universidade de São Paulo
jssimoes@uol.com.br.

WALTEREIT/DETGES 2007). TRAUGOTT (1995 e 2007) tem depositado especial atenção ao desenvolvimento desses itens no canal de gramaticalização sob uma perspectiva da propalada unidirecionalidade do vetor da mudança lingüística, enquanto outros, como o grupo de Susanne GÜNTNER do departamento de Germanística da Universidade de Münster (*GIDI-Projekt – Grammatik in der Interaktion*), defendem uma visão pancrônica da língua, observando os MD como elementos que evoluem segundo o resultado da somatória de suas propriedades sintáticas, semânticas e discursivas e em função de seu contexto de produção. GÜNTNER (1999, 2000 e 2001) publicou vários trabalhos sobre o uso de itens conjuncionais que no alemão evoluíram para MD, como é o caso de *obwohl*, *weil* e *wobei*.

É unânime na literatura sobre o assunto a idéia de que os MD desempenham um papel fundamental na construção dos textos orais, pois no nível do discurso acumulam as funções de a) elementos de coesão intra- e intertextual, b) atuam como elementos de negociação de turnos e tópicos que regulam a ação dos interlocutores, e c) são índices de modalização do discurso.

Esse cenário confirma a necessidade de estudar a relação existente entre o papel polissêmico e multifuncional dos MD nos planos da Sintaxe, da Semântica e do Discurso tanto como itens extra-sentenciais e como elementos que atuam na ligação intersentencial (parataxe/hipotaxe). Se observarmos que esses itens conjuncionais, tanto em alemão como em português, desempenham funções equivalentes, é possível afirmar que esse processo de gramaticalização está submetido a universais cognitivos comuns a várias línguas.

Defende-se aqui que uma análise contrastiva dos processos de gramaticalização das sentenças complexas do alemão e do português pode ajudar no reconhecimento desses universais. Para a investigação do processo de gramaticalização dos MD do alemão e do português, é necessário tomar como base uma análise dos diferentes graus de agregação e integração sintática (cf. RAIBLE 1992) das estruturas sentenciais do alemão e do português em textos falados e escritos.

Neste estudo, pretende-se a) traçar um panorama inicial a respeito do papel discursivo, semântico e sintático dos marcadores conversacionais de étimo conjuncional do alemão (*wobei*, *weil* e *obwohl*) e do português (*porque* e *que*), e b) enumerar algumas evidências a respeito do processo de gramaticalização/pragmaticização desses marcadores em ambas as línguas.

Na primeira seção (1.), apresento uma discussão prévia respeito da delimitação do conceito de MD, historiando como os mesmos vêm sendo tratados nos domínios da Análise da Conversação. Nas seções seguintes, discuto primeiramente (2.) como os mesmos têm sido estudados segundo a perspectiva da mudança lingüística, observando os pressupostos da Teoria da Gramaticalização, e (3.) introduzo a discussão acerca da diferenciação entre os conceitos de Gramaticalização e Pragmaticalização e como essa distinção tem colaborado para a análise de MD de línguas como o francês e o alemão, procurando evidenciar como isso pode ser aplicado também a MD do português. Na seção (4.) discorro a respeito do grau de sentencialidade de construções introduzidas pelos MD em questão. Finalmente, em (5.), reúno algumas conclusões a respeito da utilização dos MD *wobei*, *obwohl* e *weil* do alemão e *porque* e *que* do português.

1. Os marcadores discursivos: uma proposta de releitura

Inicialmente, Deborah SCHIFFRIN (1987:31) já havia proposto que MD são “*sequentially dependent elements which bracket units of talk*”, itens que devem ser vistos como elementos lingüísticos, paralingüísticos ou não-verbais que sinalizam relações entre as unidades de conversação através de suas propriedades sintáticas e semânticas, se assim a possuírem, e através de sua posição seqüencial inicial ou final, demarcando as margens destas unidades. FRASER (1990) e REDEKER (1991), ao fazerem uma análise crítica da abordagem de SCHIFFRIN, propuseram uma reordenação nos planos de análises apontados pela autora.

REDEKER (1991) propõe, por sua vez, a seguinte reformulação do conceito de MD:

“a discourse operator is a word or phrase - for instance, a conjunction, adverbial, comment clause, interjection - that is uttered with the primary function of bringing to the listener’s attention a particular kind of linkage of the upcoming utterance with the immediate discourse context. An utterance in this definition is an intonationally and structurally bounded, usually clausal unit” (REDEKER 1991:1168)

FRASER (1990 e 1998) foi outro autor que se preocupou com a questão da delimitação do campo de estudo dos MD. O autor propõe uma análise em dois níveis: o **nível do conteúdo** e o **nível pragmático**. No nível do conteúdo, o estado de coisas se reflete nas proposições, sejam elas de quais tipos forem, ou seja, apesar das formas diferenciadas de enunciado, o conteúdo proposicional é o mesmo. No nível pragmático,

estão expressas as intenções comunicativas dos falantes, através do que chama de *marcadores pragmáticos*, indicando os tipos de mensagens diretas (em oposição às indiretas) que o falante pretende usar ao enunciar a sentença.

Ecos destas discussões podem ser notados em SCHIFFRIN (1992), em uma revisão de seu modelo (SCHIFFRIN 1987), ao analisar o uso anafórico do marcador *então*. Mais uma vez, a autora retoma a noção de MD e, levando em consideração as críticas ao seu modelo, dá um novo enfoque no estudo destas marcas. SCHIFFRIN (1992) reconhece para os MD os dois níveis de análise propostos pelos outros autores (o ideacional e o pragmático).

Nessa perspectiva, em SIMÕES (1997) fiz uma distinção entre os MD pragmáticos (interacionais) que atuam na organização dos turnos, como em (1)¹ e (2), e na organização dos tópicos, como (3) e (4), em oposição aos MD ideacionais (modalizadores), como em (5) e (6), introdutores de valores de relações proposicionais sem que se estabeleçam como elos sintáticos de orações complexas:

- (1) Doc. a localização da escola ... no centro da cidade ... né? os
alunos ... ahn ... moram aqui perto ... **ou não?**
L1 (segue a resposta de L1)
(D2SP-255:1393-1395)
- (2) L3 (ja) . / ich meine s+ ich kann das ich kann das schlecht für ne große Gruppe
sagen +s .aber ich ich glaube schon ,+ daß daß die +g+ Bereitschaft vorhanden
ist +, i+ dem Mädchen hier die gleiche Rolle und eine (ja) +g+ entsprechende
Rolle eben in der Sexualität +g+ zu überlassen +i (**ja**)+.
M sie sind Erziehungswissenschaftler . wie sind da die Ergebnisse etwa ?
(FK-577, p.316)
- (3) L1 {1} eu fui:: quinta-feira... não foi terça-feira à noite fui lá
no () né? lá na Celso Furtado
L2 éh::
L1 {2} passei ali em frente à:: Faculdade de Direito {3} [...**então**
estava lembrando... que eu ia muito lá quando tinha sete
nove onze...(com) a titia sabe?...] {4} **e::** está muito pior a
cidade... está... o aspecto dos prédios assim é bem
mais sujo... tudo acinzentado né?
(D2SP-343:10-24)
- (4) L3 {1}+g+ Herr Professor z+ Schulte +z sprach eben davon ,+ daß +g+ eine ganze
Reihe von +g+ Kräften in der Psychiatrie tätig sind und rührig sind und das
beste tun . / {2} [**und** +g+ mir wurde gerade im Zusammenhang mit meinem
Bericht vorgeworfen ,+ daß ich durch Berichte dieser Art +g+ die Kräfte ,+die
+g+ die möglich +g+ die * potentiell zu gewinnen wären für die Arbeit +, daß
ich die also in einer +g+ drastischen Weise verprellt habe +, .] {3} **nun würde**
ich die Frage +g+ stellen ,+ ob es denn +g+ sinnvoll ist +, i+ zu verheimlichen

¹ Exemplos retirados de SIMÕES (1997).

+i ,+ welche Situationen in den Landeskrankenhäusern {4} [(**und** das ist nun das größte +g+ therapeutische Potential ,+ was für die Kranken k+ da ist +,)]
(FK-334, p.144-145)

- (5) (...) ... **é óbvio que** ... assim como ...
falando-se apenas em termos de São Paulo ... *Notícias Populares* ... com o seu sensacionalismo tem o seu público
... *o Jornal da Tarde* também tem o seu público dentro
de outra linha ...
(D2SP-255:968-972)

- (6) L6 (ja) darf ich mal +k +g+ den Begriff Partnerschaft hier einführen ? . und
Partnerschaft heißt **ja** nun **wirklich** nicht ,+ daß jeder die gleiche Rolle spielt
(FK-557, p. 317)

Determinadas ocorrências de MD, tais como nos exemplos de (3) a (6), demonstram que tais elementos apresentam propriedades que os aproximam ora da categoria dos advérbios, ora das conjunções coordenativas ou também das conjunções subordinativas. Por esse motivo, não é de surpreender que muitos itens lexicais dessa categorias são utilizados pelos falantes como MD. Nesse sentido, também as estratégias de conexão intersentencial são afetadas pela atuação dos mesmos MD, daí o fato de também no português existirem MD de valor conjuncional como *porque*, *que*, além de outros, como *se bem que* e *apesar que*.

Em um estudo contrastivo inicial a respeito dos MD do alemão e do português falados (SIMÕES, 1996), falei sobre o papel desempenhado pelos mesmos nos diferentes planos do discurso oral. Nesse trabalho, apresentei uma possibilidade de análise das funções desempenhadas por estes elementos nas margens da unidade conversacional; a sua atuação para a organização do turno conversacional e do tópico discursivo e, por último, o valor argumentativo inerente a estas marcas que regulam a interação entre os falantes. Defendi a idéia de que a análise poderia ser feita em dois planos distintos: a análise do plano **interacional**, no qual poderiam ser observados elementos pragmáticos específicos da interação verbal, e a análise do plano **ideacional** (argumentativo/modalizador), no qual seriam detectadas marcas mais ou menos explícitas da intenção pretendida pelos interlocutores. Inicialmente, propus-me a analisar os MD separadamente, nos dois planos ali descritos; previ, no entanto, a possibilidade de que fossem aceitas ocorrências de um mesmo marcador atuando simultaneamente nos planos interacional e ideacional.

Posteriormente, em SIMÕES (1997), ampliei o espectro de minha análise sobre os MD como elementos organizadores da interação verbal, estabeleci o lugar ocupado

pelos MD nos fundamentos da Pragmática e, em seguida, procedi a um recorte, concentrando-me em tópicos específicos da Análise da Conversação. Em seguida, propus um esquema de categorização dos MD, encaixando-os em dois grupos básicos: **a) marcadores interacionais** e **b) marcadores modalizadores**. Os primeiros subdivididos em **(i) marcadores de gestão do turno** e **(ii) marcadores de gestão dos tópicos**. Os **marcadores modalizadores** foram subdivididos em *epistêmicos*, *deônticos* e *afetivos*, segundo o modelo proposto por CASTILHO e MORAES DE CASTILHO (1992) para os advérbios modalizadores. Essa proposta de subdivisão dos MD em interacionais e modalizadores funcionava apenas para diferenciar funções cumulativas que os mesmos desempenham durante o evento conversacional. Assim, entendemos que os articuladores como *e*, *mas*, *porque* e *agora*, no português, e *also*, *weil*, *nun* e *und*, no alemão, atuam simultaneamente como elementos que organizam os turnos e os tópicos, e que podem co-ocorrer com outras formas de MD.

Dessa análise tripartida, podemos enumerar algumas constatações que importam para a pesquisa a que me proponho:

a) Em SIMÕES (1997), verificou-se a ocorrência de articuladores e MD nas margens de construções paratáticas (de continuidade tópica linear e de continuidade tópica hierárquica), e, de outro lado, observou-se a presença de articuladores e MD nas margens de construções hipotáticas (de descontinuidade tópica linear), tais como as digressões, que podem ser ampliadas em algum outro ponto do evento, e os parênteses, como breves interrupções que não estabelecem relações de concernência e relevância com outras unidades discursivas, e que não são pontualizadas em outro lugar da conversação. Constatou-se, ainda, a existência de marcadores de superordenação tópica, em português e em alemão (*mas*, *agora*, *então*; *nun*, *aber*, *also*), que exercem uma função organizadora em nível mais alto no plano hierárquico dos tópicos, tal como mostram os exemplos (3) e (4) acima.

Essas constatações permitem afirmar que itens lingüísticos que canonicamente são reconhecidos como conjunções coordenativas ou subordinativas podem apresentar propriedades semântico-discursivas distintas nos enunciados negociados *on-line*. Pode-se falar, portanto, de parataxe sintática (canônica, p.ex. *e* > conjunção coordenativa) e de parataxe discursiva (p.ex. *porque* > marcador discursivo de continuidade tópica linear), e de outro, de hipotaxe sintática (p.ex. *porque* > conjunção subordinativa canônica) e de uma hipotaxe discursiva (p. ex. *e* > marcador de descontinuidade tópica

linear). O estatuto sintático-semântico-discursivo de um item lexical somente se estabelece a partir de suas propriedades funcionais articuladas pelos falantes em um determinado enunciado (pró-sentença, sentença, sentença complexa, texto, intertextos).

b) SIMÕES (1997) revela também que, em alemão, o maior número de falantes e a fixidez temática das conversações analisadas regulam a argumentação dos interlocutores de forma a que as inserções, sob forma de digressão ou parênteses, apresentam um caráter argumentativo mais próximo da exemplificação, da avaliação e da síntese, dado que os protagonistas são especialistas do assunto. Por outro lado, SIMÕES (op. cit.) também constatou que, em português, o grau mais alto de privacidade e de familiaridade entre os interlocutores e a baixa fixidez temática permitem que haja transições mais constantes e que as mesmas possam facilmente ocupar o *status* de novo subtópico da conversação. No que se refere ao contraste específico entre o português e o alemão falados, verifiquei que a tipologia dos corpóra, diferenciada em alguns pontos, provoca usos e realizações diferentes nas duas línguas, tornando determinadas formas de modalizadores mais ocorrentes numa língua do que em outra, como é o caso do grande número de deônticos em alemão e de quase-asseverativos em português.

c) A partir da análise dos MD sob a perspectiva da modalização, categorizando-os em epistêmicos, deônticos e afetivos segundo a perspectiva adotada por CASTILHO (2006 e 2007), verificou-se, nesse mesmo estudo (SIMÕES 1997), que a co-ocorrência de marcadores modalizadores determina as estratégias de negociação postas em prática pelos interlocutores. De um lado, temos ocorrências de marcadores epistêmicos asseverativos com quase-asseverativos (*heute ist es doch so, wahrscheinlich doch, ich finde man vertuscht eben doch; eu tenho impressão que [...] na verdade, sobretudo parece que*) ou juntamente com deônticos (*gerade bezüglich des letzten Begriffs muß ich nur noch ganz kurz sagen; eu acho que é a única coisa que eu devo assinalar*). Tal recurso confirma o papel preponderante dos marcadores modalizadores como mecanismos de preservação da face e de exteriorização da polidez dialógica. De outro lado, encontramos a ocorrência redobrada de epistêmicos asseverativos e deônticos, usados para marcar a intensificação do enunciado (*doch wirklich, ja nun wirklich; sim naturalmente nem há dúvida*). Os epistêmicos delimitadores mostraram-se bastante produtivos nos textos dos especialistas (*biologisch gesehen, politisch; geograficamente, de um ponto de vista biológico*) e funcionam como elementos que estabelecem relações

de figura e fundo (*figure and ground* na Semântica Cognitiva) na delimitação de domínios.

Estas evidências levam ao seguinte questionamento: de que forma as propriedades semânticas desses itens contribuem para a gramaticalização de novas conjunções (lexicalização) ou para a sintaticização de novas estratégias de agregação e integração sintáticas.

Em SIMÕES (2007), ao estudar as propriedades sintáticas das orações de gerúndio (OG) no português brasileiro (PB), o levantamento estatístico revelou aspectos interessantes a respeito da gramaticalização das orações de gerúndio no PB. Entre eles, destacam-se (a) a questão da redução significativa dessas orações do séc. XVIII ao XX, o que mostra que estas estruturas devem estar em competição com outros recursos sintáticos (orações conjuncionais e outros processos de junção de enunciados), e (b) a problemática que envolve a redução das OG adverbiais e o aumento das perífrases de gerúndio.

Na análise do gerúndio no subsistema do Discurso, observou-se que as orações de gerúndio exibem a propriedade pragmática de articulação tópica. Além disso, notou-se, através dos procedimentos estatísticos, que as orações adverbiais (orações gerundiais adverbiais (doravante, OGadv) e construções absolutas (doravante, CA) são mais freqüentes em textos de maior planejamento, como as *memórias*, as *cartas da administração privada* e as *cartas oficiais*, enquanto as perífrases são mais usadas em textos menos formais, como as *cartas particulares*, e textos mais próximos da oralidade, como os diálogos de *teatro*, bem como os *inquéritos de língua falada* (séc. XX).

Investigadas a partir da ótica do subsistema da Semântica, observamos que as OGadv apresentam-se num processo de dessemantização, por exibirem menos relações proposicionais, se comparadas às CA. Notamos que estas últimas mostram uma maior produtividade de relações proposicionais e que nelas mantêm-se mais preservadas as propriedades semânticas estudadas.

Esses resultados abrem caminho para novas pesquisas sobre a gramaticalização de orações complexas e de seus elementos constitutivos.

2. Pressupostos da teoria da gramaticalização na análise dos marcadores discursivos

Numa primeira abordagem sobre os MD, TRAUGOTT (1995) discute em seu trabalho a interação entre Sintaxe, Pragmática e Semântica a partir do desenvolvimento dos MD *indeed*, *in fact* e *besides* e na qual analisa o papel que eles podem desempenhar na teoria da gramaticalização, segundo os parâmetros defendidos por LEHMANN (1995 [1982] *apud* TRAUGOTT 1995:3). A autora defende a interpretação da unidirecionalidade da gramaticalização no seguinte esquema:

advérbio intrasentencial > advérbio sentencial > partícula discursiva (entre elas, os MD)

Para esta autora, os MD responderiam aos processos de *condensação*, *coalescência* e *fixação* de mudança lingüística defendidos por LEHMANN (1982):

Quadro 1. Parâmetros de gramaticalização de LEHMANN (1982 *apud* TRAUGOTT 1995:3)

parameter	weak GR	process	strong GR
scope	item relates to constituent of arbitrary complexity	<i>condensation</i>	item modifies word or stem
bondedness	item independently juxtaposed	<i>coalescence</i>	item = affix, phonol, feature or carrier
syntagmic variability	item can be shifted around freely	<i>fixation</i>	item occupies fixed slot

Os conceitos expostos neste quadro respondem ao postulado inicial de MEILLET (1922 *apud* TRAUGOTT 1995) e retomados posteriormente por HEINE/ CLAUDI/ HÜHNEMEYER (1991) e HOPPER/TRAUGOTT (2003), de que, no canal de gramaticalização, um item lexical que desfruta de certa mobilidade sintática e que pode modificar uma palavra evolui em direção a um estágio mais avançado em que pode se tornar um afixo, portanto, uma palavra mais gramatical.

Num enquadramento maior dos MD na Teoria da Gramaticalização, TRAUGOTT (2007) enumerou para os MD do inglês alguns dos processos de mudança tidos por ela como unidirecionais:

- (i) **Decategorização:** os MD desenvolvem-se a partir de categorias lexicais plenas e são decategorizados progressivamente;
- (ii) **Redução fonológica:** MD podem assumir uma entonação especial e podem eventualmente ser reduzidos fonologicamente.
- (iii) **Aumento de função pragmática:** com a evolução dos MD, a mudança ocorre de uma função sintática para uma função pragmática;
- (iv) **Aumento do escopo:** com a evolução para um MD, aumenta o escopo de atuação do item – de elemento integrado à sentença (*satzintern*) passa a elemento referencial (*satzbezogen*) e daí a elemento que toma por escopo a sentença toda (*satzübergreifend*);
- (v) **Polissemia e polifuncionalidade:** a par das novas funções de um elemento como MD, os significados e funções originais (advérbios, conjunções, etc.) ainda permanecem preservados, de forma que um elemento denota vários significados e cumpre variadas funções que se correlacionam entre si. Essa característica demonstra que os MD não têm “*clear-cut internal boundaries*” (HEINE/CLAUDI/HÜNNEMEYER 1991:67). Ao invés de entidades discretas, trata-se de formas híbridas que possuem propriedades contínuas e sobrepostas, formando, assim, elementos ambíguos em significado e função.

As evidências enumeradas acima, por um lado, confirmam em parte a postura de entender a gramaticalização como um processo que se dá de forma unidirecional, mas, ao mesmo tempo, as propriedades descritas para os MD demonstram que o processo de evolução de uma conjunção para um MD pode ser descrito sob uma perspectiva multidirecional. Prova disso são as propriedades (iii), (iv) e (v).

3. Gramaticalização vs. pragmaticalização: conjunções ou marcadores discursivos?

GÜNTHER (1999) discute que nas línguas a mudança nem sempre se dá de forma linear. Ela verifica que na língua falada não se verifica a tendência estabelecida para a ligação intersentencial, que vai do pólo de agregação para o pólo de integração. Ao contrário, na oralidade, a tendência é maior agregação, o que não significa exatamente que esse tipo de ligação intersentencial seja mais pobre. Trata-se apenas de um recurso diferenciado.

Estas reflexões levam essa autora a entender esse mecanismo de evolução e mudança de estruturas sintáticas como um processo de pragmatização (*Pragmatisierung*). Esse conceito foi assim cunhado primeiramente por ERMAN / KOTSINAS (1993), que a esta altura entendiam a gramaticalização e a pragmaticalização como processos distintos pelos quais os itens lexicais da língua podem evoluir. Nessa mesma linha, Eva BUCHI (sem data) estudou o caso da (poli)pragmaticalização do *déjà* do francês. DETGES (2001) chega a propor, em sua tese de doutorado, o que chama de uma teoria cognitivo-pragmática da gramaticalização. Mais recentemente, alguns autores têm defendido a adoção do modelo cognitivista de análise (FILLMORE 1989, CROFT 2001) numa interface com a Análise da Conversação, como é o caso de DEPPERMAN (2006), GÜNTNER (2005 e 2007) e IMO (2005). Augusto SOARES DA SILVA (2006) analisou o caso do MD *pronto* do português em seu livro sobre a polissemia dos itens lingüísticos.

A gramaticalização tem sido entendida como o resultado da evolução de um item lexical a uma nova categoria gramatical. Segundo esta perspectiva, que remonta às reflexões de HUMBOLDT (1822) sobre a evolução das formas gramaticais, o processo de mudança lingüística consiste na atribuição de um caráter gramatical a um item cada vez mais autônomo (MEILLET 1912), desenvolvendo-se de um forma derivada para uma forma flexional (KURYLOWICZ 1965), mudando de uma categoria sintática para outra. Na perspectiva que analisa o percurso do Léxico para a Gramática, entende-se a mudança sob uma trajetória empreendida pelos itens lexicais que segue o seguinte esquema: *Léxico* > *Sintaxe* > *Morfologia* > *Morfofonêmica* > *zero*. Sob este prisma pôde-se estudar a gramaticalização de substantivos, pronomes e expressões de tratamento, verbos, advérbios, conjunções e preposições.

Em contrapartida, a pragmaticalização refere-se ao processo que promove a evolução de um item lexical diretamente como elemento que organiza o discurso:

we argue that it is possible (but not necessary) for a lexical element to develop directly into a discourse marker without an intermediate stage of grammaticalization. As a consequence, we suggest that lexical items on their way to becoming function words may follow two different paths, one of them resulting in the creation of grammatical markers, functioning mainly sentence internally, the other resulting in discourse markers mainly serving as textstructuring devices at different levels of discourse. We reserve the term *grammaticalization* for the first of these two paths, while we propose the term *pragmaticalization* for the second one (ERMAN/KOTSINAS, 1993:79-80 *apud* DOSTIE 2004:28).

DOSTIE (2004) aplica o conceito de pragmaticalização na análise de MD do francês e redefine o conceito da seguinte forma:

Un des objectifs de l'étude est de souligner l'existence de deux trajectoires menant à la genèse d'unités qui n'appartiennent pas aux classes majeures de mots (c'est-à-dire aux noms, aux verbes, aux adjectifs ou aux adverbes). D'une part, une unité lexicale peut développer des emplois grammaticaux; elle aura alors été soumise à un processus de "grammaticalisation". D'autre part, une unité lexicale/grammaticale peut développer des emplois où elle ne joue pas un rôle sur le plan référentiel, mais bien, sur le plan conversationnel; elle sera alors le résultat d'un processus de "pragmaticalisation" (DOSTIE 2004:27).

Entendida dessa forma, a pragmaticalização representa uma das direções tomadas pelo item lexical no processo de mudança lingüística. Nesse sentido, nada impede que um item que passa de um estágio a outro como elemento gramatical não possa evoluir para um uso menos gramatical, como é o caso dos MD.

Provas dessa evolução podem ser encontradas no estudo de Susanne GÜNTNER (1999) sobre a gramaticalização das construções com *obwohl* em textos orais alemães, no qual investiga se o uso desse item, nas variantes com posição do verbo V2 e final, está associado a diferentes funções discursivas. Além disso, ela questiona se se podem considerar como construções concessivas as estruturas em que *obwohl* encabeça uma sentença V2. Em linhas gerais, discute-se nesse trabalho se a reinterpretação de *obwohl* com V2 pode ser considerada como resultado de um processo de gramaticalização, ou seja, "*repräsentieren die synchron vorhandenen Verwendungsweisen und Funktionen von obwohl verschiedene Stadien eines Grammatikalisierungsprozesses?*" (GÜNTNER 1999:3).

Vejamos alguns exemplos que ilustram o estudo de GÜNTNER (1999) em que *obwohl* aparece como MD de correção:

(7) WEIHNACHTSESSEN

33Willi: brauchst du noch en KISSEN?

34Nora: hm. ne. das reicht.

35 (0.5)

36Nora: **obWOHL** (.) des isch DOCH unbequem.

37Willi: ((wirft ihr ein Kissen zu))

(GÜNTNER 1999:2)

(8) EHEGATTEN

18Anne: ganz selten is=er mit.

19 weiß=der=Teufel,
 20 wenn Agnes Heller da war,
 21 und Manfred geKOCHT hat,
 22 ne **obwohl** da ist Hans auch nicht mitgegangen.
 23 (0.5)
 24 ach Herbert hat mal bei Fritz (.) für en für diesen für den
 25 (-) Michael Witzenski gekocht,
 26 da is Hans mal mitgegangen.
 (GÜNTNER 1999:8)

(9) KRANKHEITEN

36Ulla: do: kann man bis=jetzt=no=eigentlich (-)
 37 TOI. TOI. TOI (.) no ganz FROH sei. gell?
 38 (0.5)
 39 **OBWOHL** man weiß jo gar net was in oim SCHLUMMERT.
 40 (1.5)
 41 vielleicht sen mir au scho bald mol DO.GWESE.
 42 (1.5)
 43Rolf: des weiß mer halt [nie:..]
 44Ulla: [hajo]
 45Rolf: do steckt mer halt net drinne.
 (GÜNTNER 1999:8)

(10) MORALPREDIGT

65Kati: [der] hopft nur en bißchen,
 66 der will mich ja nich abschmeißen,
 67 der will ja bloß umdrehn.
 68Eva: 'hh des is doch ega:..l.
 69 stell dir mal vor, (.)
 70 da kommt irgendwie en Hund der abgehaun is,
 71 und des Pferd scheut und na biste unten. 'hhhh
 72 (1.0)
 73 **obwohl** (.) wenn de dann im Krankenhaus liegst,
 74 kann ma wenigstens gleich deine Schulter und deine Hände
 [mitreparieren.]
 75Kati: [HEHEHEHEHE ja.]
 76Eva: [und den Rücken gleich auch noch,]
 77Kati: [is doch praktisch HEHEHEHE]
 (GÜNTNER 1999:9)

O estatuto de *obwohl* como MD confirma-se nos exemplos seguintes com base nas pausas verificadas:

(11) DIÄT

42Hans: der joggt ja auch jeden=Tag.
 43 (-)
 44 **obwohl** (.) Joggen is ja auch kein K- Kunststück.
 45Bert: (find ich auch)
 (GÜNTNER 1999:12)

(12) NUDELSUPPE

9Sara: Nudelsupp (find i) schlecht.
 10Kay: Nudelsupp (sind) schlecht?
 11Sara: na: (.) **obwohl** (.) in Vietnam (-) gabs ganz tolle

Nudelsuppen.

12K/R?: und isch trotzdem schlecht (oder was)

13Sara: die (hier) is so:::was hihi von langweilig.

(GÜNTNER 1999:12)

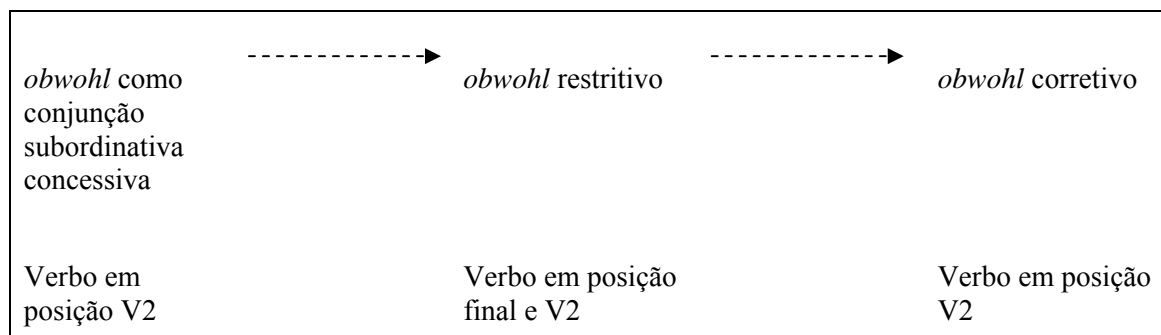
O quadro abaixo apresenta de forma constrativa os achados da autora a respeito das duas realizações de *obwohl* no alemão:

Quadro 2. Função discursiva e propriedades formais do *obwohl* concessivo e do *obwohl* corretivo (GÜNTNER 1999:18-9)

	<i>obwohl</i> concessivo	<i>obwohl</i> corretivo
Função discursiva	(p, <i>obwohl</i> q) apesar de informações aparentemente contraditórias, “p” é apresentado como válido; i.e. confirmação de “p” (“p” tem o peso argumentativo mais forte)	(p, <i>obwohl</i> q) mudança de perspectiva: mudança parcial ou completa de “p” (“q” tem o peso argumentativo mais forte)
propriedades formais		
A afirmação de “p”	permanece preservada	é corrigida parcial- ou completamente
propriedades de integração sintática	sintaticamente integrado (verbo em posição final, testes operacionais de subordinação são possíveis)	sintaticamente não-integrado (verbo em posição V2, podem ocorrer fenômenos de orações matriz, testes operacionais de subordinação não são possíveis)
Posição do sintagma <i>obwohl</i>	anteposição posposição	posposição
propriedades prosódicas	tanto a integração prosódica como também a não-integração prosódica são possíveis	não-integração prosódica
propriedades pragmáticas	a oração com <i>obwohl</i> integra o escopo da força ilocutiva da oração matriz	forças ilocucionárias separadas; além de outras possibilidades, <i>obwohl</i> pode introduzir orações interrogativas e imperativas autônomas
Opções de conexão	conexão de dois enunciados	conexão de dois sintagmas, ou de unidades discursivas maiores (dos mesmos falantes ou de diferentes falantes)

A partir de várias evidências, a autora propõe uma escala de evolução das construções com *obwohl* concessivo e *obwohl* corretivo num eixo que vai das construções hipotáticas para construções paratáticas que obedece o seguinte esquema:

Quadro 3. Usos sincrônicos de *obwohl* no alemão falado (GÜNTNER 1999:21)



Essa análise levanta questionamentos referentes a aspectos centrais da Teoria da Gramaticalização (TG), como (a) a questão da evolução de marcadores discursivos dentro de uma TG, (b) a tese da crescente “subjativização” na evolução das funções gramaticais, (c) a questão da tese de unidirecionalidade, especificamente das conexões sintáticas de “*lose und nicht-integriert*” para “*eng und integriert*”, (d) a questão dos mecanismos cognitivos e pragmáticos que regulam os processos de evolução envolvidos, e (e) a questão acerca do valor semântico dos diferenciados usos e funções de *obwohl*, especificamente a questão em torno do possível “esvaziamento” do conteúdo semântico no caso do *obwohl* corretivo.

GÜNTNER / GOHL (1999) também analisaram o uso de *weil* e de *wobei* (GÜNTNER 2001) como MD, de onde foram coletados os seguintes exemplos:

- (13) FREUND (25.01/22.02, B)
 Kotext (Band 5:15)
 01 P: wer hat dich heRABgesEtzt?
 02 (1.5)
 03 A: Also (–) beWUSST (–) kann ich dazu nIchts sagen;
 04 **weil** meine KINDheit hab ich eigentlich (2 Silben) von
 meinem fAmIlien und Elternhaus her–
 05 h. ich bin zwar (.) zu einem drittel (.) sag ich mal zu
 beGINN ohne vAter aufgewachsen,
 06 ABer (–) ähm–
 07 grade auch die bezIEhung zu meiner MUTter,
 → 08 oder das verhÄltnis zu hause würd ich als äußerst INNich
 bezeichnen;

→ 09 AUch als harMONisch;
 10 P: HMhm,
 (Band 6:30)

(14) ESSENSEINLADUNG

11Bert: ja KÖNNT Ihr?
 12Karl: ja. (-) **wobei** ich hab am frühen abend ne univeranstaltung,
 13 und weiß nicht genau wann die zuENDE ist.
 14Bert: na kannst DU [ja später nachkommen.]
 15Karl: [(ich komm) dann gegebenenfalls später.

Também no português o processo de pragmaticalização pode ser evidenciado para algumas conjunções que evoluem a MD. Ataliba CASTILHO (2006) alerta que a *discursivização* consiste no processo de criação do texto, resultado de um conjunto de atividades de negociação conversacional no qual estão envolvidos o locutor e o interlocutor e através das quais “(i) se instanciam as pessoas do discurso e se constroem suas imagens, (ii) se organiza a interação através da elaboração do tópico conversacional (...), (iii) se organiza essa interação através dos procedimentos de correção sociopragmática, (iv) se abandona o ritmo em curso através de digressões e parênteses (...), e (v) se estabelece a coesão textual por meio de expedientes vários” (CASTILHO 2006:274-275).

Os exemplos seguintes de *porque* como MD no português falado culto do Brasil² referendam essa postura:

- (15) [D2 SP 360] L2 **porque**::já pensou que que eu vou dizer para ele se ele não for eu não sei realmente eu chego na eu fico::indecisa...**porque** acho muito cedo para impor mas também se ele aprender a que dizendo que não quer ir não vai...eu estou criando um precedente muito sério...
- (16) [D2 SP 360] L2 é...e outra coisa eles estão na escola de manhã provocado por alguma coisa **porque** como eu trabalho de manhã
- (17) [D2 SP 360] L2 (que) eles acordam cedo mesmo...e agora realmente ele não gosta muito e e e a gente cria um impasse para a gente (**porque**)...ele não eu pus em uma escola ele não gostou daquela...aí eu achei que realmente a escola não preenchia tudo...que eu gostaria (que) preenchesse então eu tirei...
- (18) [D2 SP 360 74] L2 de eu poder trazer para casa **porque** aí eu fico trabalhando em casa mas tomando conta toda hora preciso interromper no meio de um negócio para:...levar um ao banheiro para dar uma comida para outro:...e as coisas de casa que a gente aten/ tem que atender normalmente com crianças BRIGas que a gente tem que repartir
- (19) [D2 SP 360] L2 **porque** diSSeram não sei se é mesmo...**que** enquanto existe um projeto nosso...e::provavelmente ele deve ter falado com você

² A notação aqui utilizada segue aquela acordada dentro do Projeto da Norma Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC) e da Gramática do Português Falado Culto no Brasil, registrando-se o tipo de texto, a origem e o endereço numérico do inquérito no NURC: donde, D2 representam conversações entre dois informantes e EF são elocuções formais.

- (20) [D2 SP 360] L2 (**porque**) o::pessoal que está agora começa com vinte a::vinte bê::e assim vai indo
- (21) [D2 SP 360] L2 **porque** o::o ganho é POU::co e tem que manter...um certo STA::tus...e há realmente dificuldade...então a não ser que saia da dedicação e continue advogando por fora
- (22) [D2 SP 360] L1 então na hora de lutar pelos vencimentos elas...são /L1 quase que ausentes **porque** para elas é muito bom...não é? para elas aquele...eh::ordenado é ótimo...MAS PAra um homem não é então quer dizer que há uma certa...ah pressão no sen/ah da parte dos homens no sentido de não deixar as procuradoras...ah::

Também nas elocuições formais o *porque* pode ser utilizado como MD:

- (23) [EF SP 405] agora a fi-na-li-da-de com que ela foi feita não impede... que elas tenham um valor estético quer dizer que elas se mantenham até hoje... que a gente Olhe e ache que é obra de arte... **porque** hoje para nós... não influi mais o fato... delas terem sido feitas com uma finalidade mágica **porque** nós não dependemos da caça mais...
- (24) [EF SP 405] mas é possível a gente olhar para elas e ainda se espantar com a QUALidade da representação então são dois fatos diferentes... a finalidade (para o que) ela foi feita... e a ca-pa-ci-da-de artística de quem a fez... certo? **porque** se eu (fizer) este gato e deixasse durante doze mil anos... ele vai continuar sendo um gato sem valor... não tem:: nenhuma... um valor artístico esta representação mesmo **porque::** é usada por todas as crainças acho que quase que do mundo inteiro para desenhar gatos...

O exemplo abaixo demonstra que o uso de *porque* como MD também é usual na língua falada não-culta:

- (25) [Inquérito do Projeto Filologia Bandeirante] Inf. ai eu nu sei...isso comigo nu sei **porque**...eu nem nu acredito isso ((ri))

Os exemplos seguintes, retirados do *corpus* diacrônico de SIMÕES (2007), evidenciam seu uso também na língua escrita:

- (26) [Carta de Washington Luís] Só um Tacito ou um Juvenal saberia encontrar || [2 v.] as tintas adequadas ao debuxo do quadro sinistro | destes dias sem grandeza. **Porque** tudo é aqui | mesquinho e vergonhoso.
- (27) [Carta de Washington Luís] Em- | quanto isso, a Gironda dorme. Falta-lhe um | chefe. Talvez seja melhor assim. Mas não ha du- | vida que, se ninguém se mexer, continuará | a imersão da patria no lodo e talvez no | sangue. **Porque** Damaso continua a ameaçar. | E não faz mysterio dos seus propositos.
- (28) [Carta de Mário de Andrade] Deve ser seqüestro de vaidade, que está ocultando o seu poema pra que o meu se sustente. **Porque** sei, desde o princípio que verifiquei o seu ser muito melhor. Mas não nego que acho o meu também muito bom. Talvez isto seja porque a notação me lembra perfeitamente o momento, não sei, mas tenho a impressão que despertará nalguns outros, sensação idêntica.

Em todos os casos acima não é possível atribuir ao item *porque* o papel sintático de conjunção hipotática. Nesses enunciados, *porque* é utilizado como item pragmático

que insere o valor de explicação de forma *syntax-loose*, assim como é caso das ocorrências de *wobei*, *obwohl* e *weil* estudadas por Susanne Günthner e acima citadas. Em ambas as línguas, trata-se de elementos que não integram sintaticamente os enunciados precedentes àqueles que os seguem.

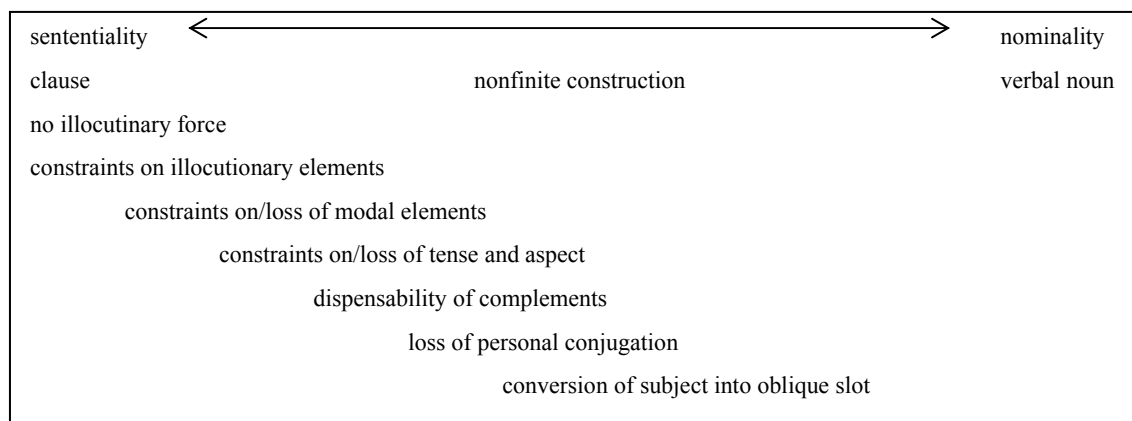
No âmbito dos estudos sobre o eixo parataxe-hipotaxe, muito se tem falado a respeito da dificuldade de estabelecer parâmetros fixos e delineáveis para os enunciados complexos da língua falada e também daqueles textos escritos que exibem maior caráter de oralidade no eixo de proximidade e distância comunicativas (cf. KOCH e OESTERREICHER 1990, como é o caso de cartas, bilhetes, diários etc.). Na seção seguinte, discuto o estatuto sintático dessas construções a partir de alguns conceitos de sentencialidade propostos, entre outros, por LEHMANN (1988), RAIBLE (1992) e TALMY (2000), procurando identificar nesse plano o trajeto percorrido pelos MD aqui analisados.

4. Marcadores discursivos: do pólo da integração para o pólo da agregação sintática

Em seu estudo sobre as ligações sentenciais, LEHMANN (1988:217) apresenta seis escalas de gramaticalização, nas quais se podem dispor as várias ligações sentenciais:

1. “degradação” hierárquica das orações subordinadas (*parataxis : embedding*);
2. nível sintático do constituinte ao qual a oração se liga (*sentence : word*);
3. “dessentencialização” da oração (*clause : noun*);
4. gramaticalização do verbo principal (*lexical verb : grammatical affix*);
5. entrelaçamento das orações (*clauses disjunct : clauses overlapping*);
6. grau de explicitude do elo (*syndesis : asyndesis*).

O autor entrevê um *continuum* de dessentencialização, a escala que se estende do pólo da sentencialidade [*clause*] ao pólo da nominalização [*verbal noun*], como mostra o quadro a seguir:

Quadro 4. Escala de dessentencialização proposta por LEHMANN (1988:200)

Wolfgang RAIBLE (1992) discute esta questão a partir da evolução dos recursos de ligação intersentencial disponíveis para as línguas. No modelo de *Junktion*, este autor dispõe uma escala de técnicas de junção organizada verticalmente. No nível mais superior, encontra-se o pólo da agregação [*Aggregation*], no nível mais inferior o pólo da integração [*Integration*]. Entre o pólo da *agregação* para a *integração*, RAIBLE identifica oito segmentos distintos, que correspondem a determinadas técnicas de junção, o chamado eixo-sintático, que delimita os graus de sentencialidade dos itens que compõem as sentenças simples ou complexas:

- (I) simples justaposição de orações sem juntores (parataxe assindética);
- (II) junção através de retomada correferencial de um item da oração anterior;
- (III) ligação de orações principais através de juntores explícitos (parataxe sindética);
- (IV) ligação de orações através de conjunções subordinativas;
- (V) ligação de orações através de construções gerundiais e participiais;
- (VI) junção de relações através de construções com grupos preposicionais (locuções prepositiva);
- (VII) junção de relações através de preposições e/ou morfemas de caso, e finalmente
- (VIII) junção através de morfemas marcadores de caso ou papel temático.

A este eixo sintático, RAIBLE (1992) apõe um eixo semântico (quadro 5), no qual reconhece 18 grandezas de valores proposicionais (causa, consequência, concessividade etc.) que podem ser expressos pela junção de itens, sejam eles sentenças ou constituintes. O autor oferece um quadro geral com as diversas possibilidades para o francês, do qual se pode depreender que nas línguas em geral nem sempre se pode projetar todos os

valores semânticos através de todas as técnicas de junção. Segundo ele, para o francês não se pode obter o sentido de *modo/instrumento* através dos recursos sintáticos dos níveis (I), (III), (IV) e (VIII), mas tal relação entre eventos pode ser expressa através de (V), (VI) e (VII). Adaptando-se esse esquema ao português, verifica-se que essa língua não tem uma conjunção lexicalizada para a expressão de *modo*. Exatamente por este motivo é que outras técnicas são utilizadas para expressar esse valor proposicional.

Quadro 5. As técnicas de junção segundo RAIBLE (1992), adaptado por SIMÕES (2007)

← EIXO SEMÁNTICO →																	
I	junção por justaposição junção pronominal junção com conectivo junção com conjunção junção com gerúndios e participípios junção com grupos preposicionais																
II																	
III																	
IV																	
V																	
VI																	
← EIXO SINTÁTICO →	condição	<i>en cas de</i>	<i>à l'occasion de</i>	<i>(de, par)</i>	<i>en présence de</i>	<i>par l'intermédiaire</i>	<i>à cause de</i>	<i>en dépit de</i>	<i>à l'intention de</i>	<i>en faveur de</i>		<i>au temps de</i>	<i>hors de</i>	<i>à proximité de</i>	<i>sous l'influence de</i>	<i>en guise de</i>	<i>en comparasion de</i>
	ocasião																
	causador																
	inclusão/exclusão																
	meio/instrumento																
	causa																
	concessividade																
	finalidade/razão																
	consequência																
	resultado																
	tempo																
	lugar																
	influência																
	igualdade/desigualda																
	conformidade																
	comparação																
	quantidade																
	origem/fonte																
VII	junção com preposições																
VIII	junção por morfologia de caso (papéis temáticos)																

O quadro de RAIBLE (1992) exhibe uma gama muito ampla de relações proposicionais que podem ser expressas através das várias técnicas de junção, o que demonstra que as línguas são bastante criativas, ou melhor, os seus falantes, pois procuram encontrar meios de reproduzir nas línguas em particular o sentido específico

que querem atribuir a determinados conteúdos informacionais. É de supor-se, portanto, que o elenco de valores proposicionais de Raible possa ser ampliado, pois as relações entre enunciados não devem esgotar-se nas 18 possibilidades por ele arroladas. TALMY (2000) é um dos autores que também se preocuparam em verificar como as línguas desenvolvem estruturas que relacionam eventos. No capítulo que trata da relação de *figura e fundo* que se estabelece entre sentenças, o autor apresenta uma lista para o inglês de 15 valores semânticos, dentre eles alguns que RAIBLE poderia ter incluído também para o francês em seu esquema, como o valor da *adição* (positiva e negativa), da *contrafactualidade* (adversatividade) e da *substituição*, como ilustram os seguintes exemplos retirados de TALMY (2000:373-6):

- (29) He works at a sideline *in addition to/besides/on top of/as well as* holding down a regular job. (adição positiva)
- (30) He takes odd jobs *no more than* he holds down a regular job. (adição negativa)
- (31) I would have joined you, *except (that) only* I was busy. (contrafactualidade)
- (32) He watched TV *instead of* studying. (substituição)

TALMY (2000:381) observa ainda que as línguas nem sempre desenvolvem conjunções para expressar uma determinada relação proposicional, e é nesse momento que entra a criatividade que se verifica nas línguas, ou seja, outros mecanismos são ativados para expressar o valor almejado.

Ora, se levarmos em consideração as concepções de sentencialidade acima descritas e aplicarmos tais princípios aos enunciados encabeçados pelos MD em questão, observamos que itens tradicionalmente interpretados unicamente como conjunções subordinativas, ou seja, como elos de hipotaxe, em algum momento e em função de alguma motivação semântica específica, podem exibir propriedades sintáticas mais próximas da parataxe. Os contextos analisados demonstram que essa motivação gera o acesso às propriedades semânticas disponíveis para esses mesmos itens (adversatividade, explicação, concessão etc.), mas ao mesmo tempo são desativadas as propriedades sintáticas de integração entre enunciados (maior *sententiality* para LEHMANN 1988 e maior *Integration* para RAIBLE 1992). Do ponto de vista da Gramática Cognitiva, poder-se-ia dizer que esses MD projetam valores semânticos ampliados sobre o conjunto dos enunciados que os seguem, propriedade que os torna semelhantes aos conhecidos

advérbios de sentença, que toma por escopo o todo do enunciado. Estão, portanto, ao mesmo tempo orientados para o falante e para o discurso.

5. Considerações finais

Ao longo da revisão da literatura a respeito dos MD (1.), observamos que uma descrição ampla dos mesmos deve ultrapassar o domínio da Análise da Conversação, uma vez que os mesmos reúnem propriedades que são ativadas nos vários subsistemas da língua (Léxico, Discurso, Sintaxe e Semântica). Em (2), notou-se um ganho significativo para o estudo dos MD quando se incorporam os instrumentos de análise associados à Teoria da Gramaticalização. Defendeu-se em (3) a adoção do conceito de *pragmaticalização* para a análise dos MD do alemão (*wobei*, *obwohl* e *weil*) e do português (*porque* e *que*), os quais são tradicionalmente interpretados como itens conjuncionais. Esse estudo preliminar procurou demonstrar que uma abordagem mais integralista das propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas dos chamados MD (4.) pode ser mais efetiva no sentido de entender que tais itens ao mesmo tempo projetam valores proposicionais a um determinado conjunto de enunciados, e também apresentam propriedades sintáticas típicas dos elos de relação intersentencial com valor mais próximo da *agregação*, em oposição às ocorrências homônimas que funcionam como conjunções hipotáticas, típicas da *integração* sintática.

Referências bibliográficas

- BUCHI, ÉVA (sem data). Approche diachronique de la (poly)pragmaticalisation de fr. déjà («Quand le grammème est-il devenu pragmatème, déjà ?». Aberystwyth, Royaume-Uni, 2004. <http://halshs.archives-ouvertes.fr/docs/00/14/92/75/PDF/BuchiACILPR24Deja.pdf> (31.07.2008).
- CASTILHO, Ataliba T. de. Proposta funcionalista de mudança linguística. Os processos de lexicalização, semanticização, discursivização na constituição das línguas. In: LOBO, Tânia / RIBEIRO, Ilza / CARNEIRO, Zenaide / ALMEIDA, Norma. (orgs.). *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador, EDUFBA, 2006, 223-296.
- CASTILHO, Ataliba T. de. Abordagem da língua como um sistema complexo : contribuições para uma nova Linguística Histórica. In: CASTILHO, Ataliba T. de / MORAIS, Maria Aparecida Torres de / LOPES, R.E.V./ CYRINO, Sonia M. L. (orgs.). *Descrição, História e Aquisição do português Brasileiro*, vol. I. 1a. ed. Campinas, Pontes - FAPESP, 2007, 329-360.

- CASTILHO, Ataliba Teixeira de; MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo. (org.). *Gramática do Português Falado*, vol. II. Campinas, Editora da UNICAMP, 1992, 213-260.
- CROFT, William. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford, Oxford University Press, 2001.
- DEPPERMAN, Arnulf. Construction Grammar – Eine Grammatik für die Interaktion. In: DEPPERMAN, Arnulf / FIELHER, Reinhard / SPRANZ-FOGASY, Thomas (orgs.). *Grammatik und Interaktion*. Rodolfzell, Verlag für Gesprächsforschung, 2006, 43-65.
- DETGES, Ulrich. *Grammatikalisierung. Eine kognitiv-pragmatische Theorie, dargestellt am Beispiel romanischer und anderer Sprachen*. (Tese de doutorado). Tübingen, Karls Eberhard Universität, 2001.
- DOSTIE, Gaétane. *Pragmaticalisation et marqueurs discursifs : analyse sémantique et traitement lexicographique*. Bruxelles, De Boeck & Larcier, Éd. Duculot, 2004.
- ERMAN, Britt / KOTSINAS, Ulla-Britt. Pragmaticalization: The case of *ba'* and *ou know*. In: *Studier i Modernspråkvetsenskap* 10. Stockholm, Almqvist and Wiksell, 1993, 76-93.
- FILLMORE, Charles. Grammatical Construction Theory and the Familiar Dichotomies. In: DIETRICH, Rainer / GRAUMANN, Carl Friedrich (orgs.). *Language Processing in Social Context*. Amsterdam, Elsevier, 1989, 17-38.
- FRASER, Bruce. Types of English discourse markers. In: *Acta Linguistica Hungarica* 38, 1988, 19-33.
- FRASER, Bruce. An approach to discourse markers. In: *Journal of Pragmatics* 14: 1990, 383-395.
- FRASER, Bruce. *Discourse Markers: Description and Theory* (Pragmatics and Beyond, New Series, 57). Amsterdam/Philadelphia, Benjamins, 1998, 301-326.
- GÜNTNER, Susanne. Entwickelt sich der Konzessivkonjektor obwohl zum Diskursmarker? Grammatikalisierungstendenzen im gesprochenen Deutsch. In: *Linguistische Berichte* 180, 1999, 409-446.
- GÜNTNER, Susanne. Grammatik im Gespräch: Zur Verwendung von 'wobei' im gesprochenen Deutsch. In: *Sprache und Literatur* 85/31, 2000, 57-74.
- GÜNTNER, Susanne. 'wobei (.) es hat alles immer zwei seiten.' Zur Verwendung von wobei im gesprochenen Deutsch. In: *Deutsche Sprache* 4, 2001, 313-341.
- GÜNTNER, Susanne. Dichte Konstruktionen. Potsdam, Universität (InLiSt 43), 2005.
- GÜNTNER, Susanne. Brauchen wir eine Theorie der gesprochenen Sprache? Und: wie kann sie aussehen?. In: *GIDI-Arbeitspapiere* Nr. 6, 2007.

- GÜNTNER, Susanne; GOHL, Christine. Grammatikalisierung von *weil* als Diskursmarker in der gesprochenen Sprache. In: *Zeitschrift für Sprachwissenschaft* 18 (1), 1999, 39-75.
- HEINE, Bernd / CLAUDI, U. / HÜNNEMEYER, F.. *Grammaticalization. A conceptual framework*. Chicago, The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization* (Cambridge Textbooks in Linguistics). 2nd revised ed. Cambridge, Cambridge University Press, 2003 [1993].
- HUMBOLDT, Wilhelm von. *Über das Entstehen der grammatischen Formen und ihren Einfluß auf die Ideenentwicklung*. Tradução espanhola de C. Artal. *Sobre el origen de las formas gramaticales*. Barcelona, Editorial Anagram, 1972 [1822].
- IMO, Wolfgang. *A Construction-Grammar Approach to the Phrase "I mean"*. Berlim, De Gruyter, 2005.
- KOCH, Peter ; Oesterreicher, Wulf (1990). *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. Romanistische Arbeitshefte 31. Tübingen, Niemeyer, 1990.
- KURYLOWICZ, J. The Evolution of Grammatical Categories. In: *Esquisses linguistiques* II, 1975 [1965], 38-54.
- LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization*. LINCOM Studies in Theoretical Linguistics 1. Munich and Newcastle, LINCOM EUROPA, 1995 [1982].
- LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: Haiman/Thompson (org.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 1988. (Studies in Language, vol. 18).
- MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. In: A. Meillet. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris, Champion, 1948 [1912], 130-148.
- RAIBLE, Wolfgang. *Junktion – Eine Dimension der Sprache und ihre Realisierungsformen zwischen Aggregation und Integration*. Heidelberg, Carl Winter, 1992. (Sitzungsberichte der Heidelberger Akademie der Wissenschaften, Philosophisch-historische Klasse, Bericht 1).
- REDEKER, Gisela: Linguistic Markers of Discourse Structure. *Linguistics*, vol. 29. 1991, 1139-1172.
- SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse Markers*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987. (Studies in Interactional Sociolinguistics 5).
- SCHIFFRIN, Deborah: Anaphoric *Then*: Aspectual, Textual, and Epistemic Meaning. *Linguistics*, vol. 30, 1992, 753-792.
- SCHIFFRIN, Deborah. Discourse markers, meaning, and context. In: Schiffrin, Deborah / Tannen, Deborah / Hamilton, Heidi E. (eds.). *The Handbook of Discourse Analysis*. Oxford/Maldon, MA, Blackwell, 2001, 54-75. (Blackwell Handbooks in Linguistics).

- SIMÕES, José da Silva. Marcadores conversacionais interacionais e ideacionais do português falado culto e do alemão falado culto. In: *Anais do III Congresso Brasileiro de Professores de Alemão*. Campinas, ABRAPA - Associação Brasileira de Associações de Professores de Alemão, 1996, 394-399.
- SIMÕES, José da Silva. *Marcadores interacionais e modalizadores do alemão e do português falados*. (Dissertação de mestrado). São Paulo, FFLCH/USP, 1997.
- SIMÕES, José da Silva (2007). *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro*. (Tese de doutorado). São Paulo, FFLCH/USP, 2007.
- SOARES DA SILVA, Augusto. Olhando para a flexibilidade do significado: evidências da polissemia. In: SOARES DA SILVA: *O mundo dos sentidos em Português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra, Almedina, 2006, 59-83.
- TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics*, 2. vol. Cambridge / London, The MIT Press, 2000.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. Paper presented at *ICHL XII*. Manchester, 1997 [1995] <http://www.stanford.edu/~traugott/papers/discourse.pdf> (31/07/2008).
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Discourse markers, modal particles, and contrastive analysis, synchronic and diachronic. In: *Catalan Journal of Linguistics* 6, 2007, 139-157.
- WALTEREIT, Richard. Imperatives, interruption in conversation, and the rise of discourse markers: a study of Italian *guard'*. In: *Linguistics* 40-5, 2002, 987-1010.
- WALTEREIT, Richard. Comparer la polysémie des marqueurs discursifs. In: DRESCHER, Martina / FRANK-JOB, Barbara (eds.). *Les marqueurs discursifs dans les langues romanes. Approches théoriques et méthodologiques*. Frankfurt, Lang, 2006, 141-151.
- WALTEREIT, Richard; DETGES, Ulrich. Different functions, different histories. Modal particles and discourse markers from a diachronic point of view. In: *Catalan Journal of Linguistics* 6, *Contrastive perspectives on discourse markers*, 2007, 61-80.